

# Anarquismo, contracultura e imprensa alternativa no Brasil: a história que brota das margens

*João Henrique de Castro Oliveira*<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta deste trabalho é investigar a atuação de grupos sociais do campo das esquerdas no Brasil, entre 1969 e 1992, privilegiando como fontes primárias os jornais por eles publicados. Partindo de suas ideias-base, tais grupos foram divididos em dois: os que se reivindicavam anarquistas e os que eram mais prontamente identificados com os “movimentos de contracultura”. Assim, pretendeu-se avaliar como o anarquismo foi ressignificado no contexto dos anos 60/70/80 no Brasil. Além disso, delinear que tipo de relação foi estabelecida entre os movimentos de contracultura e a filosofia libertária, ressaltando ainda o legado/influência que tais ideologias deixaram para os movimentos sociais contemporâneos.

**Palavras-chave:** Anarquismo. Contracultura. Imprensa alternativa.

**Abstract:** The purpose of this study was to investigate the activities of anarchist and counterculture groups in Brazil between 1969 and 1992, focusing on primary sources such as newspapers published by them. Starting with their basic ideas, such groups were divided into two: those who claimed anarchists and those who were most readily identified with the “counterculture movements.” Thus, we sought to assess how anarchism was reframed in the context of 1960’s, 1970’s and 1980’s in Brazil. In addition, delineate what kind of relationship was established between the movements of the counterculture and the anarchist philosophy, emphasizing further the legacy/influence that such ideologies left for contemporary social movements.

**Keywords:** Anarchism. Counterculture. Alternative press.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ e jornalista.

Na segunda metade do século XX uma nova configuração geopolítica marca um cenário sócio-econômico em que o progresso tecnológico torna-se o mantra predileto dos principais atores da nova ordem, que brota sobre as ruínas da II Guerra. Estados Unidos e União Soviética (URSS) desfilam seus totens da eficiência *tecnocrática*<sup>2</sup>: viagens espaciais, mísseis, bombas, espionagem, bazófilas e fanfarrônicas de uma guerra retórica... e fria.

Tanto a ditadura do mercado (leia-se capitalismo) quanto a ditadura do partido sobre o proletariado (entenda-se socialismo de Estado) seriam, sob esse aspecto, irmãos siameses que vestiriam suas metades de forma diferente, procurando reforçar dessemelhanças e disfarçar lógicas em comum. Na prática, representariam as velhas máquinas estatais encimadas por elites dirigentes portadoras de um discurso falsamente racional – endossado pela ciência e respaldado pelo aparato de propaganda.

O filósofo alemão Herbert Marcuse foi um dos mais perspicazes na análise das feições da sociedade industrial contemporânea.<sup>3</sup> Para ele, o bloco capitalista

estaria marcado pela chamada “dessublimação repressiva”. Ou seja: a suposta “sociedade livre” ofereceria conforto material às camadas médias dos países centrais e haveria, então, uma liberdade relativa. Tal liberdade, entretanto, era essencialmente voltada ao consumo ou para a escolha entre opções predeterminadas.

Dentre as camadas médias urbanas dessas sociedades abastadas, estaria presente boa parte da classe operária e dos líderes sindicais. Assim, segundo Marcuse, o ímpeto revolucionário que marcara historicamente a categoria seria anestesiado em troca das benesses do *welfare state*. Uma acomodação que seria maior na geração mais velha, que acabará entrando em choque com a ideologia dos jovens que não passaram pelo terror das duas guerras, tendo energia de sobra para contestar os métodos das velhas esquerdas.

As teses de Marcuse e de outros “gurus” do pensamento radical ainda serviram de combustível para essa juventude cada vez mais consciente de que a propalada “revolução socialista” na URSS havia se transformado numa estrutura fechada e burocrática. A racionalidade tecnológica tornara-se a racionalidade política, e o progresso material servia de disfarce ao totalitarismo intrínseco aos dois sistemas supostamente “antagônicos”.

Para Marcuse, então:

A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis

<sup>2</sup> *Tecnocracia*: forma de governo que justificaria seus atos pelos avanços científicos e tecnológicos. Característica dos dois blocos antagônicos da Guerra Fria, estabelece-se sobre dois pilares: o antropocentrismo e o progresso. Pode estar subjacente a democracias liberais ou regimes totalitários.

<sup>3</sup> Para uma apreciação mais detalhada do pensamento de Marcuse, vale ler pelo menos três de seus livros mais importantes: *Eros e civilização* (1968), *Ideologia da Sociedade Industrial* (1969) e *Contra-revolução e revolta* (1973). Entre parênteses, os anos das edições consultadas (todas da Editora Zahar, do Rio de Janeiro).

de controle e coesão social. A tendência totalitária desses controles parece afirma-se ainda em outro sentido – disseminando-se pelas áreas menos desenvolvidas e até mesmo pré-industriais e criando similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do comunismo.<sup>4</sup>

Esta visão sobre os sistemas de controle tecnocrático – entre eles o socialismo de Estado – teria favorecido a autocrítica no interior das esquerdas. Da mesma forma, a revelação dos crimes do stalinismo nos anos 50 provocou um baque nas fileiras do marxismo-leninismo. Nesse processo, muitos intelectuais romperam com as diretrizes de seus partidos comunistas locais (orientados pela cartilha de Moscou) e endossaram o que passaria para a história como o movimento das *Novas Esquerdas*. O marxismo se fragmentava em diversas correntes e outros discursos revolucionários reivindicavam mais espaço.

Da mesma forma, aumentava a contestação aos valores clássicos da sociedade ocidental, visto que foram estes mesmos valores que conduziram a humanidade à possibilidade da hecatombe nuclear. O primado da razão científica (valorizado por ambos os blocos da Guerra Fria) começava a ser abalado. E o ritmo acelerado do capitalismo e a voracidade também devastadora dos mega-Estados de inspiração marxista faziam acender o alerta para as questões ambientais.

Novas questões, novas agendas,

novas atitudes entram em cena. Estudos investem na análise das estruturas de poder diluídas no cotidiano. Por essa ótica, a exploração e o autoritarismo não deveriam ser encarados apenas no âmbito da relação patrão-empregado; eles deveriam ser revelados e denunciados nos ambientes menos usuais, como na escola, na família ou no casamento.

A partir daí poderemos entender como e por que o anarquismo foi uma das influências do pensamento radical depois dos anos 50. Pois, guardando as devidas proporções históricas, muitos anarquistas tocaram nestas questões muito antes de se falar de contracultura, Maio de 68 ou esquerdismo.

O fazer político era ressignificado pelos socialistas libertários, ou melhor, tentava-se resgatar o sentido original de política – o que é próprio à *pólis*, ao espaço comunitário. O ponto fundamental é aquilo que aproxima o ideário de diversos grupos sociais do após-Guerra com as filosofias e táticas anarquistas de outros tempos. Ou seja: os jovens dos anos 60/70 haviam percebido que uma mera mudança de sistemas político-econômicos não fundaria uma nova sociedade. Era imperiosa, para essas “novas esquerdas”, a necessidade de uma mudança moral, que levasse mais afetividade às relações sociais, que trouxesse a política para perto, que aumentasse os canais de participação democrática e que respeitasse a liberdade e a diversidade.

<sup>4</sup> MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 18.

## Participação anarquista nos movimentos sociais pós-Segunda Guerra

O anarquismo se apresenta aos e nos movimentos dos anos 60 como elemento de influência, infiltrando-se em discursos heterogêneos. Essa participação difusa foi maior do que como movimento orgânico, composto por bases relativamente numerosas e ideologicamente coesas. Nesse sentido, o historiador Francisco Foot Hardman procura demarcar bem as diferenças entre aquele anarquismo histórico (umbilicalmente ligado ao universo operário) e as propostas “anarquizantes” retomadas nos anos 60:

[...] houve uma ruptura entre o movimento anarquista mundial que interveio na luta de classes até a guerra civil espanhola, início da II Guerra Mundial, e, posteriormente, as gerações que reapareceram já nos anos 60, retomando propostas “anarquizantes”, estando filiadas, contudo, não mais ao movimento operário e sim a movimentos radicais da pequena burguesia nas Universidades, nos meios artísticos, nas manifestações da juventude na Europa e nos EUA, marcadas pelos signos de maio de 68 e Woodstock.<sup>5</sup>

O movimento anarquista organizado – forjado, no século XIX, por representantes da classe operária – havia sido solapado por diversos flancos, sobretudo depois da vitória bolchevique no processo revolucionário na Rússia (1917). A consolidação

de estados de inspiração marxista-leninista gerou duas forças de desagregação: primeiro, com a migração de alguns militantes para partidos comunistas; segundo, com a perseguição exercida por aqueles mesmos estados “socialistas”, ávidos em eliminar seus opositores. Do outro lado, regimes fascistas ou liberais perseguiram, de modo impiedoso, anarquistas e radicais em geral.

Mas as ideias prevalecem, seguem na memória de alguns, são conservadas e repassadas. Nas décadas seguintes aos anos 30, o anarquismo continuaria exercendo influência intelectual. Pois, como disse Woodcock, de forma bem poética:

Por ser na sua essência um feixe antidogmático e não-estruturado de atitudes relacionadas, que para existir não depende de nenhuma organização permanente, o anarquismo pode florescer quando as circunstâncias são favoráveis e, em seguida, como uma planta de deserto, continuar latente por estações e até mesmo por anos, esperando pelas chuvas que o farão desabrochar.<sup>6</sup>

Assim, já nos anos 40 e 50, o ideário anárquico será retomado por uma juventude que começava a observar as falhas e falácias dos dois sistemas dominantes da Guerra Fria. Paradoxalmente, nos países onde a tradição havia sido mais forte – tais como Rússia e Espanha – os anarquistas vergaram sob a pressão de regimes totalitários que se estabeleceram (boa parte da resistência passou a ser feita do exílio, como no caso es-

<sup>5</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.76.

<sup>6</sup> WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários*. V. 2. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.300.

panhol). Contudo, nos países mais liberais, como a Inglaterra e os EUA, o anarquismo “mostrou maior vitalidade no sentido de interpretar a tradição de novas maneiras”.<sup>7</sup>

No Reino Unido, o próprio Woodcock participou da publicação de *Freedom* – título do jornal fundado por Piotr Kropotkin<sup>8</sup>, em 1886, na Inglaterra – além de editar a revista literária *Now*. Outro intelectual anarquista da época foi Herbert Read<sup>9</sup>, que produziu obras discutindo arte e pedagogia numa perspectiva libertária. Nos Estados Unidos, Paul Goodman renova a produção no campo da crítica social, com destaque para seu urbanismo inovador<sup>10</sup>. E, ainda nos anos 40/50, alguns escritores da geração *beat* também fazem referências ao anarquismo.<sup>11</sup>

Há relação também entre anarquismo e alguns movimentos artísticos. É o caso dos surrealistas que, depois de fler-

tarem com o comunismo e o trotskismo, aproximaram-se dos anarquistas nos anos 50. Nesse sentido, André Breton, Benjamin Péret e outros artistas colaboraram em *Le Libertaire*, jornal da Federação Anarquista da França. Num artigo de janeiro de 1952, Breton declarava que:

Foi no negro espelho do anarquismo que o surrealismo reconheceu-se pela primeira vez, bem antes de definir-se a si mesmo e quando era apenas associação livre entre indivíduos, rejeitando espontaneamente e em bloco as opressões sociais e morais de seu tempo.<sup>12</sup>

### “A na bola” pichado nos muros da contracultura

Alguns teóricos entenderam o termo “contracultura” como algo relativo a uma cultura minoritária, ou a “um conjunto de valores que contradizem os da sociedade dominante”.<sup>13</sup> A partir daí, coexistem duas tendências. A primeira utilizaria o conceito acima de fronteiras históricas, generalizando seu significado a outros períodos e movimentos sociais. Assim, seriam considerados *contraculturais* movimentos como a cristandade – na Jerusalém judaica e na Roma pagã – ou algumas seitas da Inglaterra do século XVII.

Uma segunda alternativa (utilizada nesta pesquisa) é tratar a contracultura como um fenômeno temporalmente circunscrito, ainda que ela possa tomar como

<sup>7</sup> Ibid., p.302.

<sup>8</sup> O russo Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um dos principais pensadores do anarquismo, considerado fundador da vertente anarco-comunista.

<sup>9</sup> O inglês Herbert Read (1893-1968) foi poeta, além de crítico de arte e literatura. Além do anarquismo, recebeu influência do existencialismo francês.

<sup>10</sup> Paul Goodman (1911-1972) foi sociólogo, poeta e um dos pensadores radicais que inspiraram os movimentos estudantis dos anos 1960.

<sup>11</sup> A relação entre os *beatniks* e o anarquismo é bastante indireta, já que esses escritores possuíam um leque bastante eclético de referências, que incluíam a filosofia oriental, as experimentações psicodélicas e até mesmo a noção de “escrita automática” dos surrealistas. De qualquer forma, Allen Ginsberg já foi chamado de “o grande rebelde romântico e poeta-anarquista contemporâneo” pelo tradutor Cláudio Willer (Cf. GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p.7); e, num de seus livros, Jack Kerouac fez referência a “velhos anarquistas ébrios, com os cabelos desgrenhados”, dando pistas de que o ideário ácrata estava presente entre a boêmia de seu tempo (Cf. KEROUAC, Jack. *Os vagabundos iluminados*. Porto Alegre: L&PM, 2004. p.15).

<sup>12</sup> BRETON, A.; FERRUA, P.; PÉRET, B. (*et. alii*). *Surrealismo e anarquismo*. São Paulo: Ed. Imagi-nário, 2001. p.37.

<sup>13</sup> OUTHWAITE, William (*et. alii*). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p.134.

referência movimentos distanciados até por milênios. Historicamente produzido, o conceito contemporâneo de *contracultura* faz referência, então, “aos valores e comportamentos da mais jovem geração (...) dos anos 60, que se revoltava contra as instituições culturais dominantes (...)”.<sup>14</sup>

Um dos pioneiros a tentar analisar essa geração foi Theodore Roszak, que lançou um livro sobre o tema no final dos anos 60.<sup>15</sup> Sua obra é fundamental, mas contém as lacunas de uma pesquisa que procura entender um objeto sem que haja um razoável distanciamento temporal. Além disso, é um estudo centrado numa perspectiva estadunidense: após a leitura, fica a impressão de que o principal vetor da contracultura parte somente dos EUA. Nessa linha, Roszak argumenta que os jovens norte-americanos teriam condições mais vantajosas para impor resistência ao *status quo*, exatamente porque não seriam tão influenciados pela tradição socialista, como os europeus.

Outros autores, entretanto, defendiam que grupos fora dos EUA teriam antecipado o que mais tarde viria a se tornar conhecido mundialmente – devido à força da indústria cultural estadunidense. Um exemplo seria o coletivo *Provos* (termo derivado da palavra “provocação”), que se forma na primeira metade dos anos 60, em Amsterdã, Holanda. Para Matteo Guarnaccia, o grupo holandês antecipou uma série de representações e práticas que ganhariam, anos mais

tarde, o *status* de “contracultura”. E um detalhe reforça a tese de que realmente havia relações entre os jovens dos anos 60 e a ideologia ácrata: os integrantes do *Provos* se assumiam como anarquistas e fundamentavam suas inserções políticas nos preceitos da ação direta.<sup>16</sup>

Daí que o entendimento da contracultura como fenômeno amplo não deve ignorar, a nosso ver, o cenário europeu e principalmente as agitações nos meios estudantis. Richard Gombin, por exemplo, chamou a atenção para o fenômeno do *esquerdismo*, que ele define como “uma alternativa radical ao marxismo-leninismo”.<sup>17</sup> E, ao contrário do que julgava Roszak, a tradição socialista da Europa vai fornecer ao *esquerdismo* sua base teórica mais sólida, demonstrando que os movimentos juvenis do Velho Mundo dispunham, por vezes, de maior consciência política.

O esquerdismo europeu criticava a hegemonia do marxismo-leninismo, “monopolizando a direção ideológica do movimento revolucionário organizado”.<sup>18</sup> Também propunha o combate à burocratização/reformismo dos sindicatos e partidos; ao patronato e à autoridade estatal; e às direções operárias. Nessa luta – não alinhada nem ao capitalismo, nem ao socialismo de Estado – tornam-se comuns referências ao pensamento anarquista e/ou libertário:

Lutando ao mesmo tempo contra as es-

<sup>14</sup> Ibid., p.134.

<sup>15</sup> Cf. ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972. (A edição original data de 1968).

<sup>16</sup> Cf. GUARNACCIA, Matteo. *Provos*. Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.

<sup>17</sup> GONBIM, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972. p.21.

<sup>18</sup> Ibid., p.12.

truturas constrangedoras da sociedade global e contra o domínio das direções operárias, os trabalhadores reencontram reflexos muito antigos, que um Proudhon e um Bakunine haviam sentido melhor do que um Marx ou Lenine.<sup>19</sup>

Um dos movimentos sessentistas que representou essa corrente foi o 22 de Março, formado pelos irmãos Daniel e Gabriel Cohn-Bendit. Eles lançaram um livro – no calor dos protestos de maio/junho de 68, em Paris – que tratava de ironizar justamente uma das obras maiores de Lênin: *A doença infantil do 'esquerdismo' no comunismo* (na qual o líder bolchevique procurava desqualificar projetos alternativos ao seu, entre os quais o anarquismo). Para os Cohn-Bendit, ao contrário, era hora de ressaltar a “senilidade” do leninismo no contexto de lutas no fim dos anos 60 com um provocativo título: *O esquerdismo, remédio à doença senil do comunismo*.

Nesse movimento de renovação das esquerdas, recuperam-se bandeiras históricas do anarquismo, como a autogestão, a greve geral e a abolição do conceito dirigente-dirigido. Assim, negava-se o explícito *vanguardismo* (hipervalorizado pelo leninismo) em favor de uma maior pluralidade e diversidade de tendências políticas no ambiente revolucionário. Nesse aspecto, os Cohn-Bendit não pregam o sectarismo, chegando a afirmar que a base para seu livro deve ser formada por uma antologia dos melhores textos situacionistas, anarquistas e “em

menor grau, as revistas trotskistas”.<sup>20</sup>

Na visão dos dois autores (compartilhada por diversos grupos da época), todas as estruturas da sociedade deveriam ser politizadas, dando um novo sentido ao *fazer política*. Logo, a divisão entre trabalho intelectual e manual teria de desaparecer, e as portas das universidades deveriam ficar abertas ao povo. Além disso, ficava clara a noção – bem característica da contracultura – de que a luta se daria em todas as frentes e de que a revolução deveria também ser um jogo.<sup>21</sup> A revolução teria de ser total, subjetiva, alegre e imediata.

A questão central é que, guardadas as devidas proporções históricas, o anarquismo chamado “clássico” já antecipara, quase um século antes, algumas das ideias e práticas políticas dos anos 60/70. Vários grupos de contracultura (mesmo os que não assumiam uma iden-

<sup>20</sup> COHN-BENDIT, Gabriel; COHN-BENDIT, Daniel. *El izquierdismo, remédio a la enfermedad senil del comunismo*. Paris/Mayo-Junio 1968. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1969. p.20. Traduzido do texto em espanhol: “en grado menor, en las revistas trotskistas”. O “grau menor” usado pelos Cohn-Bendit se explica pelo fato já descrito por Gombin: as oposições comunistas não abandonavam por completo algumas premissas do marxismo-leninismo que não se adequavam ao “espírito” do esquerdismo. Tanto que os autores criticam, em outro ponto do livro, os “grupúsculos marxistas-leninistas de tipo bolchevique (trotskistas o pro-chinos)” que “no ven en el proletariado más que una masa a la cual hay que dirigir” (ver p.313).

<sup>21</sup> Aqui, mais uma vez, faz-se necessária a remissão às influências anarquistas no contexto dos anos 60/70. A noção de *revolução como um jogo* é bastante próxima a uma célebre frase da anarquista de origem lituana Emma Goldman (1869-1940): “Se eu não puder dançar, não é minha revolução!”. Outra referência nesse sentido (e que foi muito aproveitada pelos anarquistas do grupo *Provos*) é a do livro do historiador holandês Johan Huizinga, *Homo ludens*, escrito em 1938, no qual o jogo é descrito como um dos aspectos fundamentais da história da humanidade.

<sup>19</sup> Ibid., p.19.

tidade anarquista) valorizavam a *ação direta*, a *autonomia*, a *autogestão* e a *democracia direta*. Aspectos que, num contexto sócio-histórico distinto, foi defendido e praticado por grupos anarquistas. Além disso, vemos outros traços de anarquismo nos movimentos sessentistas, como o *antiautoritarismo*, certa *aversão aos partidos* políticos tradicionais e o *antimilitarismo* (relacionado à luta antinuclear).

Por exemplo, não foram os *hippies* que inventaram as comunidades alternativas. Muito antes, no final do século XIX, o italiano Giovanni Rossi tentaria implantar no Brasil uma colônia anarquista de nome Cecília. Nessa comunidade, o *amor livre* foi discutido e, sobretudo, vivido muito antes da tal revolução sexual. Da mesma forma, na Espanha revolucionária dos anos 30, as mulheres anarquistas reivindicavam uma participação igualitária na sociedade revolucionária a ser construída e participavam de discussões sobre sexualidade.<sup>22</sup>

### **Sob a sombra da ditadura: imprensa alternativa, contracultura e anarquismo no Brasil**

O pesquisador Rivaldo Chinem conta que entre “1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos

que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar”.<sup>23</sup> Desse amplo e heterogêneo conjunto, foram selecionados sete periódicos para perceber as relações entre contracultura e anarquismo: *O Pasquim* (interessando, em particular, a coluna “Underground”, assinada por Luiz Carlos Maciel), *Tribo*, *Soma*, *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*. Eles foram lançados entre as décadas de 1960 e 1990, com uma área de concentração maior entre os anos 70 e 80.

Seguindo a classificação proposta por Leila Miccolis,<sup>24</sup> os primeiros três títulos (*O Pasquim* / “Underground”, *Tribo* e *Soma*) representariam o que se pode chamar de “imaginário contracultural”. Os quatro últimos (*O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*), embora aludem por vezes à temática da contracultura, investiriam mais no resgate/reafirmação dos princípios ácratas, *res-significados* no contexto pós-68.

Analisando a coluna “Underground” (publicada no interior de *O Pasquim* entre 1970 e 1972), parece nítido que as referências de seu editor, Luís Carlos Maciel<sup>25</sup>, estavam mais voltadas para a contracultura norte-americana. No espaço, não há diálogo direto com o

<sup>22</sup> Para mais informações sobre a Colônia Cecília e a questão do amor livre, ver FELICI, Isabelle. “A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi”. *Cadernos AEL*. Anarquismo e anarquistas. Campinas: Unicamp, 1999. Sobre a participação feminina na Revolução Espanhola, ler RAGO, Margareth. “Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola”. *Letralivre*. Revista de cultura libertária, arte e literatura, Rio de Janeiro; Achiamé, ano 6, nº. 33, 2002.

<sup>23</sup> CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995. p.7.

<sup>24</sup> MICCOLIS, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.

<sup>25</sup> Luiz Carlos Maciel (Porto Alegre, 1938). Teórico, roteirista, diretor e um dos fundadores do semanário *O Pasquim*. Considerado por muitos como o “guru da contracultura” no Brasil.



anarquismo, que, quando citado, surge em declarações de alguns grupos da contracultura. Um desses era o *Living Theatre*, um coletivo de teatro independente que vivia uma experiência comunitária e tinha o anarquismo como influência teórica. Longe de uma politização mais direta, “Underground” faz mais referência a um discurso essencialmente psicanalítico, com destaque para Norman O’Brown (são inúmeras as ocasiões em que Maciel discute ou apresenta textos desse autor). Por outras vezes, são os aspectos religiosos/espirituais que são valorizados, como o zen budismo pregado por Alan Watts. Quando fala de Brasil, cita o grupo de artistas “marginais” representado por Waly Salomão e Hélio Oiticica, ou os mais conhecidos Caetano Veloso e Gilberto Gil.

*Tribo* e *Soma* eram editados em menor escala, não tendo a visibilidade de *O Pasquim*. Mas, assim como “Underground”, também investiam na temática da contracultura: experimentalismo visual, busca de novas linguagens, diálogo com manifestações da indústria cultural (história em quadrinhos, *rock’n’roll*, cinema...), culto da estética psicodélica, entre outros tópicos. Mas esses dois jornais trouxeram discursos um pouco mais próximos de um imaginário radical que não negava as referências anteriores, tais como militância social e luta de classes. Assim, conseguem estabelecer – mais do que a coluna de Maciel – pontes com um ideário mais plenamente revolucionário, sem abandonar os *revolucionamentos* estéticos, espirituais, comportamentais.

Nessa linha, *Tribo* (um jornal de

vida curta, com três números publicados em 1972) traz críticas aos problemas sociais em Brasília – cidade onde o tablóide surge, no meio estudantil – e faz referências indiretas (lembremos dos tempos de ditadura) às prisões injustas. Neste último caso, cita a desobediência civil de Henry David Thoreau<sup>26</sup>, descrito como “um dos primeiros anarquistas americanos”.

O *fazer política* em *Tribo* aparecia mesclado à arte, ao discurso poético. Prática muito usada pelos jornais marginais, levando-se em conta a vigilância dos órgãos de repressão da época. Nesse sentido, um poema publicado no número de estreia do jornal faz emergir significados próximos ao comunismo libertário, defendido noutros tempos pelos militantes anarquistas:

Nós queremos viver de uma maneira  
muito simples;  
Sem conflitos, sem neuroses, sem preocupações;  
[...]  
Nós queremos tudo livre e repartido  
tudo solto e compreendido.  
Nós queremos trabalhar juntos,  
Pelos nossos ideais e pela nossa sobrevivência,  
curtindo o nosso som.  
Nós queremos nosso pequeno comunismo interno,  
nossa consciência de grupo  
e nossa consciência individual.  
Nós queremos uma tribo  
onde todos se super-conheçam  
e se amem adoidado.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Henry David Thoreau (1817-1862). Poeta, naturalista e ativista antiimpostos. Conhecido pelo ensaio “Desobediência civil”, escrito em 1849.

<sup>27</sup> CLÁUDIO, Luiz. “Nós queremos viver assim”. *Tribo*, Brasília, n<sup>o</sup>1, fev.1972, p.6.

Com uma linguagem característica da época, o texto une a noção de *liberdade coletiva* com a de *liberdade individual* (que muitos ortodoxos de esquerda julgavam ser um “desvio pequeno-burguês”). Em relação a isso, o anarquista Bakunin<sup>28</sup> disse: “Minha liberdade se amplia ao infinito com a liberdade do outro”. Algo que parece bem próximo do trecho do poema: “Nós queremos nosso pequeno comunismo interno, nossa consciência de grupo e nossa consciência individual”. Ou seja: grupo + indivíduo. Além disso, esse investimento nas pequenas células (“pequeno comunismo interno”), em vez de grandes estruturas estatais, também faz lembrar os ideais das comunas – células-base da sociedade autônoma e autogestionária (na concepção anarco-comunista).

Já o periódico *Soma* (número 3) reproduzia, também numa linguagem cifrada, notícias de jornal sobre a ditadura getulista do Estado Novo (1937-45). Para os mais atentos, fica claro que a alusão a uma ditadura passada era uma forma de crítica camuflada contra a ditadura de seu próprio tempo – mais ou menos entre 1973 e 1974, já que a datação do jornal não aparece na capa do número analisado. Essa não-periodização – representando o *não-tempo* daquelas *não-notícias* – expõe todo o experimentalismo da publicação. Seus editores, que se consideravam uma corrente de ruptura artística dentro do campo das artes-plás-

ticas e da poesia, reivindicavam o fim da separação entre arte e política, demonstrando o desejo de engajamento. Nesse sentido, citam Stirner<sup>29</sup> e Bakunin, e falam do individualismo anarquista como uma opção ética, dando apoio às comunidades rurais livres. O posicionamento é francamente libertário, buscando se afastar tanto do capitalismo quanto do socialismo de Estado:

Eis aí a grande diferença da ditadura do proletariado, hoje ditadura “sobre” o proletariado, que absorve o indivíduo de tal maneira na coletividade, massacrando-o, despersonalizando-o; enquanto que o modo de produção capitalista aliena o homem, obrigando-o a se tornar um egoísta sensual e insatisfeito através da sociedade de consumo. O Estado é uma instituição histórica transitória, uma forma patogênica-social, a alienação fundamental.<sup>30</sup>

### Novos olhares sobre a imprensa alternativa

Tanto *Tribo* quanto *Soma* compunham o heterogêneo conjunto de publicações independentes que circularam nos tempos da ditadura. Nesse sentido, esta pesquisa se junta a uma série de outras que tiveram como objetos a chamada *imprensa alternativa*. Bons trabalhos já foram feitos nessa seara da historiogra-

<sup>28</sup> Mikhail Bakunin (1814-1876) foi um pensador russo, considerado um dos principais expoentes do anarquismo em meados do século XIX.

<sup>29</sup> O alemão Max Stirner (1806-1856), pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt, ficou conhecido por lançar as bases do chamado *anarquismo individualista*. Sua obra mais citada é o ensaio “O único e sua propriedade”, lançado em 1844.

<sup>30</sup> “An Arkhe”. *Soma*, s/loc, n°3, 1974 (?), p.3. Grifo no original.

fia brasileira, com destaque para o livro de Bernardo Kucinski, um bom ponto de partida devido a seu aspecto panorâmico.<sup>31</sup> Outros autores investiram em títulos específicos, privilegiando certa gama de publicações que se destacaram no período. Assim, *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento* são constantemente citados como experiências bem sucedidas no universo alternativo.

Por conta dessa característica, o objeto “imprensa alternativa” apresenta lacunas. Uma destas se relaciona às publicações de uma determinada fatia das esquerdas, que também estava no amplo exército de opositores ao regime – dos cabeludos da contracultura aos comunistas ortodoxos. Uma minoria, um “grupúsculo” (usando o termo de Guattari),<sup>32</sup> que soprava as brasas do anarquismo histórico, que afinal não tinham se apagado.

Uma olhada atenta aos pequenos fluxos da história nos revela alguns grupos que reivindicavam a teoria e a prática anarquistas no Brasil. Eles continuaram existindo ao longo dos anos 30, 40 e 50, publicando jornais, integrando campanhas antifascistas e fundando centros de cultura social. Obviamente, são movimentos relativamente pequenos quando comparados às manifestações de massa do passado integradas por anarquistas, como as greves gerais do início do século XX ou a Revolução Espanhola (1936-39).

Porém, se não quisermos fazer uma história política no estilo do historicismo do século XIX (a história dos grandes personagens e fatos), devemos estar atentos para a presença dos marginais, do cotidiano e das manifestações políticas fora dos espaços institucionais.

Percebem-se essas lacunas ao consultar a bibliografia sobre as esquerdas brasileiras no período da ditadura – embora haja uma série de trabalhos que vêm recuperando a participação de grupos ácratas no contexto da imprensa alternativa brasileira.<sup>33</sup>

O foco nos pequenos grupos anarquistas atuando no Brasil amplia o retrato das resistências de esquerda. O particular, o *micro*, ajuda a compor o total, o *macro*. Afinal o que seria da abstração “totalidade” sem os pequenos fluxos (reais, concretos) que a compõem, que a tornam mais palpável? Desconsiderar as *margens* significa desconsiderar que as *relações de poder* e a *luta de classes* se

<sup>31</sup> Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.

<sup>32</sup> Cf. GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. Pulsões políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>33</sup> Leonardo Carvalho Pinto fez uma monografia sobre o IR (Cf. PINTO, Leonardo Carvalho. *Imprensa anarquista: o inimigo do rei*. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em História. Santo Antônio de Jesus: Uneb, 2001) e publicou o artigo “O Inimigo do Rei: um jornal anarquista” [IN: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (org.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp.133-45.]. Waldir Paganotto desenvolveu dissertação sobre o mesmo tema [Cf. PAGANOTTO, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo: “O Inimigo do Rei” (1977-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997]. Da mesma forma, Edgar Rodrigues faz menção aos jornais *IR*, *Barbárie* e *Autogestão* no livro *O resurgir do anarquismo: 1962-1980*. (Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.). Por fim, Antônio Carlos de Oliveira trabalha com *fanzines punks*, muitos dos quais de tendência anarquista (Cf. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.).

desenvolvem também de modo *rizomático*, atingindo variados níveis.

A luta de classes contaminou, como um vírus, a atividade do professor com *seus* alunos, a dos pais com *suas* crianças, a do médico com *seus* doentes; ela ganhou o interior de cada um de nós com *seu* eu, com o ideal de *status* que acreditamos ter de adotar para nós mesmos.<sup>34</sup>

### **Anarquismo nos tempos de ditadura**

Quando morre o militante e intelectual anarquista José Oiticica, em 1957, um dos elos geracionais do anarquismo brasileiro se rompe. Oiticica viveu o período em que o anarquismo obteve mais notoriedade entre as esquerdas. Participou da insurreição de novembro de 1918, quando um pequeno grupo pretendia instituir, no desenrolar de uma revolta, um *soviete* no Rio de Janeiro, ou seja, um conselho de trabalhadores nos moldes da Revolução Russa.<sup>35</sup> O professor Oiticica foi preso várias vezes, entrou em choque com o bolchevismo e entrou em polémicas com os ex-anarquistas que fundaram o Partido Comunista. E mesmo com o movimento perdendo força de massa, continuou na propaganda anarquista, tocando o

jornal *Ação Direta* até os anos 50.

Os libertários mais próximos de Oiticica seguiram em frente com suas atividades culturais e publicações. Outros ativistas prestaram-lhe uma homenagem ao fundar o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), em 1958. O CEPJO realizava palestras, cursos e conferências sobre os mais diversos temas, tais como psicanálise, literatura, medicina, maçonaria e, obviamente, socialismo libertário.

Em 1969 (em pleno regime militar) o Centro foi invadido por agentes da Aeronáutica, teve objetos destruídos, livros apreendidos e documentos rasgados. Alguns diretores do CEPJO haviam sido presos no Quartel da Aeronáutica, na Ilha do Governador. Outros detidos foram os estudantes ligados ao Movimento Estudantil Libertário (MEL), acusados de associação ao CEPJO e de distribuir “material subversivo”.

Por diversas vezes, no decorrer dos cursos e palestras realizadas semanalmente no CEPJO, apareceram pessoas estranhas aos meios culturais. Algumas delas, valendo-se da liberdade dos debates, da praxe libertária [...].<sup>36</sup>

No inquérito policial (reproduzido por Edgar Rodrigues) consta que os militantes – 16 ao todo – foram detidos com base na famigerada “Lei de Segurança Nacional”, acusados de difusão de “idéias incompatíveis com a Constituição Brasileira”, “manutenção de atividades pe-

<sup>34</sup> GUATTARI, 1987, p.15. O conceito de rizoma nos dá ideia de uma teia ramificada, capilarizada, na qual os variados níveis de poder se desenvolvem. O poder do professor, do homem sobre a mulher, do patrão, do psiquiatra, das instituições disciplinares (escola, prisão, hospício...). Essa leitura, que ganha vulto também entre movimentos de contracultura, é semelhante ao ponto de vista de muitos anarquistas na virada do século XIX ao XX.

<sup>35</sup> Cf. ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

<sup>36</sup> RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo no banco dos réus*. (1969-1972). Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993. p.50.

rigosas”, “ofensa moral à autoridade” e “incitamento público à desobediência”. No julgamento, a defesa alegou, com base nos estatutos do CEPJO, que a doutrina anarquista não havia sido divulgada no local (uma mentira providencial, obviamente) e que não havia provas suficientes para caracterizar uma “ação subversiva”. Felizmente, todos foram absolvidos.

Outro local que manteve acesa a chama do anarquismo no Brasil foi o Centro de Cultura Social (CCS) de São Paulo. Fundado em 14 de janeiro de 1933, ele é resultante de uma tradição anarquista que remonta aos inícios do século XX. Conforme bem observou Foot Hardman,<sup>37</sup> os anarquistas foram bastante ativos no que se refere às atividades culturais. Nesse sentido, os CCS serviam de espaço de convivência e de reforço dos laços identitários. Neles se realizavam diversas atividades, como palestras, encenações teatrais, apresentações musicais, bailes etc.

O golpe de 1964 e a ditadura que se estabeleceu provocaram receio nos militantes que restaram. Não era recomendável atuar abertamente. Assim, o CCS de São Paulo resolve dar um tempo em suas atividades (e o exemplo da represão ao CEPJO, no Rio, reforçava o temor dos militantes paulistas). Reuniões, debates e correspondências passam a ocorrer de modo clandestino.

Mas no final dos anos 70, com a relativa abertura do regime, novos grupos

anarquistas foram surgindo. No ano de 1977, por exemplo, começa a ser publicado, em Salvador (BA), o periódico *O Inimigo do Rei (IR)*. Um jornal simultaneamente militante e bem humorado, engajado e desbocado, que exalava um inconfundível perfume contracultural, trazendo em suas páginas desde textos falando sobre os mártires de Chicago até matérias sobre sexualidade e maconha.

A experiência editorial do *Inimigo* surpreendeu pela longevidade: de 1977 a 1988, com alguns hiatos. Depois dos primeiros números, a Bahia ficou pequena: colaboradores do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outros lugares participavam com textos e notícias que tornavam realidade a presença do anarquismo no país. Os ataques do *IR*, desde seu número de estréia, demonstravam a opção bem típica do anarquismo e de correntes de contracultura: o não alinhamento em relação tanto aos governos de direita quanto aos partidos de esquerda. Esse *terceiro caminho* permitia ao *IR* uma postura crítica diante do processo de “redemocratização”, vista pelos editores e colaboradores como um projeto das elites, um mero rearranjo de poder que não beneficiaria a população em geral.

Como em *IR*, a revista *Barbárie* (Salvador, 1979-82) trazia um leque muito semelhante de temas: anarquismo, autogestão, movimento operário, minorias sociais (indígenas, homossexuais, negros, mulheres...), pedagogia libertária, embate anarquismo vs. marxismo (talvez com menos virulência no *antimarxismo*, comparado ao *IR*) e espaço para cor-

<sup>37</sup> Cf. HARDMAN, Francisco Foot., 1983, passim.

rentes filosóficas contemporâneas que vinham rediscutindo o papel do poder, do Estado e das instituições (Foucault, Deleuze, Chomsky, Guattari...).

O discurso de apresentação do Coletivo Barbárie resumia sua proposta:

Em contraposição à “barbárie” destruidora do mundo atual, contrapomos outra, libertária e criadora, que nascerá dos escombros dessa primeira. Ao invés do trabalho escravizado e rotineiro, propomos o “direito à preguiça”, o trabalho livre e associativo, autogerido. Ao controle de nossos corpos pelos poderes (pais, educadores, médicos, etc.) sugerimos o direito de dispor de nossos corpos e deles retirarmos todos os prazeres. Em oposição à civilização moderna, burocrática e hierarquizada, propomos a “barbárie” criadora. E libertária.<sup>38</sup>

*IR* e *Barbárie* representavam grupos sociais bem semelhantes. E naquele contexto de “abertura” e “anistia” – momento em que outros alternativos (notadamente *Em Tempo* e *Movimento*) se celebrizaram pela defesa das “instituições democráticas”, pelo recém-formado Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo retorno dos exilados políticos – esses coletivos voltavam sua carga discursiva contra muitas daquelas bandeiras, tendo como princípio as ideias clássicas do anarquismo (principalmente a profunda desconfiança diante da democracia parlamentar burguesa). Nesse ponto, *IR* e *Barbárie* se equivaliam na ácida crítica ao regime que supostamente se amansava.

Atualmente, esse próprio regime que torturou e esmagou a maioria do povo brasileiro fala, como se nada tivesse acontecido, em “abertura democrática” e até mesmo em “anistia”.<sup>39</sup>

*Autogestão* (número 3, São Paulo, junho de 1980) mostra-se, de todos os periódicos anarquistas aqui analisados, o mais simples em termos gráficos. Um formato de revista, 46 páginas datilografadas e fotocopiadas com raríssimas ilustrações. A proposta da publicação pode ser avaliada pelas chamadas de capa, fazendo referência, sobretudo, a discussões teóricas. Há traduções de textos de autores como Richard Gombin (“A Teoria do Comunismo de Conselhos”), Henry Lefevre (“Felicidade e Cotidianidade”) e Carlos Semprun Moura (“Sonhos e Mentiras da Autogestão”). Intelectuais brasileiros como Maurício Tragtenberg também colaboram nesse número. A escolha dos textos revela uma posição aberta da publicação, permitindo espaço a temáticas e autores libertários, mas não necessariamente anarquistas.

No editorial, o mesmo tom crítico diante do processo de abertura, muito discutido no período. Na análise buscava-se chamar a atenção para a manutenção das velhas estruturas de poder e criticar os métodos da abertura proposta pela ditadura enfraquecida.

Eis a regra básica do método, que define com considerável clareza para onde caminha o processo de Abertura Política, que do Planalto se irradia; a preservação

<sup>38</sup> COLETIVO BARBÁRIE. “Apresentação”. *Barbárie*. Salvador, n.º1, jul. 1979, p. 2.

<sup>39</sup> Id. “Quem tem medo?”. *Ibid.*, p.3.

do poder através da distribuição de migalhas à massa esfomeada e endurecida depois de 16 anos de ofensas.<sup>40</sup>

Essa imprensa alternativa anarquista, tendo como marco a publicação de *O Inimigo do Rei*, continua sua atividade, mesmo após o fim do jornal baiano. O coletivo que publicou *Utopia* (1988-92), de certa forma, é a continuação dessa mesma linhagem, reunindo elementos de diferentes gerações. Faziam parte dele, por exemplo, Ideal Peres e sua esposa Ester Redes, além de antigos militantes envolvidos no episódio de repressão ao CEPJO, em 1969. Outro militante das antigas era Jaime Cubero, com toda uma vida divulgando as ideias anarquistas no país. A estes se juntam elementos de uma nova geração, como Pedro Simonard, Renato Ramos, Pedro Kroupa, Paulo Alcântara e outros. O elo entre gerações, já observado em publicações como *IR* e *Barbárie*, se repete no grupo carioca.<sup>41</sup>

Dos quatro títulos anarquistas pesquisados, *Utopia* é o que apresenta a diagramação mais leve e equilibrada, com boas escolhas de ilustrações. Em relação à temática, tinha muito em comum com os outros jornais. Contudo, há uma característica que se sobressai: o investimento no tema da *ecologia social*. Logo no primeiro número é publicado um arti-

go traduzido de Murray Bookchin (“Ecologia e pensamento revolucionário”, pp.6-7), anarquista estadunidense que foi um dos responsáveis pela aproximação entre anarquismo e ecologia no fim dos anos 60. Ele voltaria à revista com outro texto no número 4 (verão-outono de 1991).<sup>42</sup>

Em 1992, a revista encerra suas atividades. Mas o fim foi relativo apenas à publicação, pois os militantes continuavam a se reunir no Centro de Estudos Libertários (CEL). Outras publicações também surgiram, como o jornal *Muti-rão*, publicado a partir de março de 1991, tendo como bandeira o engajamento nas lutas camponesas e dos sem-teto. Também surgia no mesmo ano o informativo do CEL: *Libera... Amore Mio* (depois, somente *Libera*). O jornal tornou-se uma das experiências mais duradouras da imprensa libertária, tendo completado, em 2011, 20 anos de publicação ininterrupta, agora como informativo da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ).

## Atualidade do Anarquismo

Nos anos 90, os movimentos antineoliberalismo contaram com muitas bandeiras negras entre as marchas de Seattle ou Gênova – onde, afinal, foi um

<sup>40</sup> “Editorial”. *Autogestão*, São Paulo, n°3, jun. 1980, p.I.

<sup>41</sup> Antes da publicação de *Utopia*, já vinham sendo realizadas reuniões no chamado Centro de Estudos Libertários (CEL), organizado em torno da figura de Ideal Peres. Além disso, outros coletivos já se formavam na cidade em meados dos anos 80, como o Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO).

<sup>42</sup> À *ecologia social* interessaria o estudo das interações entre a sociedade e a natureza. É uma das correntes mais influentes do chamado “eco-anarquismo” e deve muito de seus postulados aos trabalhos de Murray Bookchin (1921-2006). Ao lado de questões especificamente ambientais, a *ecologia social* busca compreender as crises ecológicas como subprodutos do modo de produção capitalista. Para mais informações cf. BOOKCHIN, Murray. *Sociobiologia ou Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

jovem anarquista a ser assassinado por policiais. Os *Black Blocs* (com suas máscaras negras) clamam por ação direta como os anarco-sindicalistas de ontem. Os *squatters* na Europa e as ocupações urbanas dos sem-teto brasileiros reeditam, de certa maneira, a sede por autonomia e autogestão das comunidades libertárias do fim do século XIX.

Não há como ignorar, dessa forma, a presença anarquista nos movimentos sociais desde, pelo menos, as explosões de Maio de 68. Opinião compartilhada por David Graeber:

[...] boa parte daqueles que gostariam de ver uma mudança revolucionária poderia não se sentir satisfeita plenamente ao comprovar que a maior parte da energia criativa e da política radical provém, na atualidade, do anarquismo – uma tradição que, até bem pouco tempo, boa parte deles desprezava – e que levar a sério este movimento levará necessariamente a assumir com ele um compromisso respeitoso. [...] O anarquismo é o coração do movimento, sua alma; a fonte de boa parte do que nele podemos encontrar de novo e auspicioso.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> GRAEBER, David. “The new anarchists”. *New Left Review*, nº 13, jan/feb 2002, pp.61-2. Versão em espanhol. Grifos meus. Artigo em PDF, obtido em <<http://newleftreview.org/A2368>>. O trecho acima é uma tradução livre do original que se segue: “[...] buena parte de aquellos a los que les gustaría ver un cambio revolucionario podrían no sentirse contentos del todo al comprobar que la mayor parte de la energía creativa de la política radical proviene en la actualidad del anarquismo – una tradición que hasta la fecha buena parte de ellos ha despreciado – y que tomar en serio a este movimiento supondrá necesariamente asumir con él un compromiso respetuoso. [...] El anarquismo es El corazón del movimiento, su alma; la fuente de buena parte de lo que en él podemos encontrar de nuevo y esperanzador.”

Mas os legados dos movimentos dos anos 60 apresentam-se na atualidade diluídos nas mais variadas interpretações – que podem tanto alimentar discursos revolucionários quanto ajudar a manter intactos os arranjos de poder. Castoriadis, num texto de 1986, criticava justamente as tendências que interpretavam o Maio de 68 “em termos de preparação (ou aceleração) do ‘individualismo’ contemporâneo”, tratando de apagar “tudo aquilo que introduziu uma formidável inovação”.<sup>44</sup>

Mas o que parece mais promissor nos movimentos dos anos 60 (e de alguns movimentos contemporâneos) também foi destacado por Castoriadis, que não deixou de reconhecer os limites e os “fracassos” (uma crítica necessária para que possamos ajustar a luta constante contra o constantemente adaptável quadro de poderes):

Aquilo que Maio de 68 e outros movimentos dos anos 60 mostraram foi a persistência e o poder do projeto de autonomia que se traduzia pela recusa do universo capitalista-burocrático e, simultaneamente, pelas novas idéias e práticas que esses movimentos inventaram ou difundiram. Porém, também foram testemunhas dessa dimensão de fracasso até agora aparentemente indissociável dos movimentos políticos modernos: dificuldade imensa em prolongar positivamente a crítica da ordem existente das coisas e impossibilidade de

<sup>44</sup> CASTORIADIS, Cornelius. “Os movimentos dos anos 60”. In: *Sobre o conteúdo do Socialismo/Os movimentos dos anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d, p.67.



assumir o projeto de autonomia individual e, ao mesmo tempo, social, que instaurava uma autogovernança coletiva.<sup>45</sup>

Por fim, é uma atitude – corroborada por este próprio trabalho – que procura levantar o que fica de positivo, o que se mostra como possibilidade, conquista (ainda que mínima), visto que a paralisa diante das “condições objetivas desfavoráveis” só fez alimentar, no seio das próprias esquerdas, o velho discurso passivo diante da realidade. Dessa forma, o “fracasso” se mostra relativo e parcial, o que nos impele para a manutenção das lutas pelos avanços já conquistados e pela ampliação de novas demandas.

Caso seja necessário lembrá-lo, só muito excepcionalmente é que o fracasso é total. Na maioria dos casos estes movimentos conduzem à instituição formal de certos direitos, liberdades e garantias sob as quais ainda hoje vivemos. Em outros casos, sem nada instaurar no sentido formal, deixam marcas profundas na mentalidade e na vida efetiva das sociedades – tal foi, sem dúvida, o caso da Comuna de Paris de 1871, tal foi seguramente [...] o caso dos movimentos dos anos 60.<sup>46</sup>

## Referências bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

BOOKCHIN, Murray. *Sociobiologia ou*

<sup>45</sup> Ibid., p.80. Grifo no original.

<sup>46</sup> Ibid., p.81.

*Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

BRETON, A.; FERRUA, P.; PÉRET, B. (et. alii). *Surrealismo e anarquismo*. São Paulo: Ed. Imaginário, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. *Sobre o conteúdo do Socialismo/ Os movimentos dos anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.

COHN-BENDIT, Gabriel; COHN-BENDIT, Daniel. *El izquierdismo, remedio a la enfermedad senil del comunismo: Paris/Mayo-Junio 1968*. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1969.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. In: *Cadernos AEL*. Anarquismo e anarquistas. Campinas: Unicamp, 1999.

GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GONBIM, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

GRAEBER, David. The new anarchists. *New Left Review*, n. 13, jan/feb 2002, p.61-2. Disponível em: <<http://newleftreview.org/A2368>> . Acesso em: 27 jul. 2011.

- GUARNACCIA, Matteo. *Provos*: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*: pulsações políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KEROUAK, Jack. *Os vagabundos iluminados*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.
- MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MICCOLIS, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.
- OUTHWAITE, William (*et.alli*). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- PAGANOTTO, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo*: “O Inimigo do Rei” (1977-1988). 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Assis, 1997.
- PINTO, Leonardo Carvalho. O Inimigo do Rei: um jornal anarquista. In: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (org.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.133-45.
- RAGO, Margareth. Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola. *Letralivre*: Revista de cultura libertária, arte e literatura. Ano 6, n. 33. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. p.8-16.
- RODRIGUES Edgar. *O anarquismo no banco dos réus (1969-1972)*. Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.
- RODRIGUES Edgar. *O ressurgir do anarquismo: 1962-1980*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.
- ROSZAK, Theodore. *A contracultura*: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.
- WOODCOCK, George. *Anarquismo*: uma história das ideias e movimentos libertários. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2002.